

Professional education policy in Ceará and its influences: a theoretical-sociological debate

Resumo:

O texto a seguir propõe uma reflexão teórica, partindo da perspectiva sociológica, acerca da política de educação profissional oferecida pela rede pública de ensino no Estado do Ceará. Nesse modelo educacional as Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP) ofertam o ensino médio de maneira integrada à um curso técnico, além da experiência de estágio supervisionado em empresas parceiras que atuam na área dos respectivos cursos, propondo assim uma relação entre educação e trabalho. O debate segue em torno de como os documentos oficiais abordam a categoria trabalho, pensando ainda sobre como a modernidade traz para a preparação profissional desses jovens a noção de trabalho flexível. Entendendo que o debate não tem como proposta encerrar a discussão, mas sim trazer mais questionamentos, cabe pensar a partir desse escrito: afinal, para que mundo do trabalho essas juventudes vêm sendo preparadas?

Palavras-chave: Educação profissional. Debate sociológico. Secretaria da Educação Básica.

Abstract:

The following text proposes a theoretical reflection, starting from a sociological perspective, regarding the professional education policy offered by the public education network in the State of Ceará. In this educational model, the State Schools of Professional Education (EEEP) offer secondary education integrated with a technical course, in addition to supervised internship experience in partner companies that operate in the area of the respective courses, thus proposing a relationship between education and work. The debate continues around how official documents address the work category, also thinking about how modernity brings the notion of flexible work to the professional preparation of these young people. Understanding that the debate is not intended to end the discussion, but rather to raise more questions, it is worth thinking from this writing: after all, what are these young people being qualified for in the world of work?

Keywords: Professional education. Sociological debate. Secretariat of Basic Education.

¹ Licenciada em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Sociologia na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima. E-mail: carolina-rodrigues.alves@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A constituição brasileira de 1988, em seu artigo 205, versa que a educação deve ser motivada visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Cara (2019) entende que de acordo com essa definição oficial, a educação fica encarregada de uma tripla missão, mas que tem como objetivo central proporcionar aos estudantes uma apropriação da cultura geral, o que irá garantir uma leitura crítica do mundo.

Procurando entender sobre os objetivos da educação, é possível notar que a questão da preparação para o trabalho sempre esteve presente de alguma forma, porém a relação entre educação e trabalho ainda gera dúvidas, principalmente sobre o que é proposto através das políticas públicas. A educação profissionalizante surge nesse contexto como uma modalidade de ensino que oferta uma formação de 'Educação para o trabalho', aliando o conteúdo considerado teórico e o de base técnica.

É importante ressaltar que a educação profissional no Brasil, segundo RAMOS (2014), é historicamente marcada pela dualidade, com a ideia de uma formação propedêutica para as classes que se preparavam para gerir o país e uma formação técnica para a classe trabalhadora. Além de não poder ser analisada sem a relação com os objetivos político-econômicos envolvidos. A autora explana sobre como os primeiros registros de ações voltadas para pensar nessa modalidade educacional aparecem no ano de 1809 "com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI" (p.24) e de que forma a finalidade central se modificou.

A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de "amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte", ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra-ordem dos bons costumes. O início do século XX trouxe uma novidade para a educação profissional do país quando houve um esforço público de sua organização, modificando a preocupação mais nitidamente assistencialista de atendimento a menores abandonados e órfãos, para a da preparação de operários para o exercício profissional (RAMOS, 2015, p. 24-25).

A autora traça ainda todo o histórico de modificações, percebendo que à medida que as legislações vão se atualizando o dualismo passa a ser criticado para então buscar uma real integração entre o ensino geral e profissional. Visão essa que nos remete à perspectiva de Gramsci quando escreveu sobre a ideia de "escola unitária"².

2 Na obra Os intelectuais e a organização da cultura (1982),

É possível pensar ainda na discussão feita por Karl Marx sobre a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual³, percebendo que há diferentes formas de analisar essa política e seus objetivos. Há quem entenda que o objetivo da educação profissional seja a formação de mão de obra barata, que direcione a juventude da escola pública exclusivamente para o mercado de trabalho, sem oferecer uma formação de qualidade, enquanto uma outra visão, principalmente da perspectiva governamental, entenda essa oferta como uma forma de educação mais completa e condizente com a realidade da maioria dos estudantes.

Pesquisas recentes, mesmo apontando uma queda nos números de desocupação entre jovens de 14 a 25 anos, ainda demonstram uma porcentagem significativa da juventude como um dos grupos sociais mais afetados pelo desemprego e dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, sem falar nos recortes que podem ser feitos dentro desse público, como a questão racial, de gênero, classe social, e os efeitos da pandemia no acesso ao mercado de trabalho⁴. Além disso, o mundo do trabalho vem passando por profundas transformações, onde o mercado vem explorando novas formas de extrair a força de trabalho, de maneira cada vez mais flexível, sem vínculos fixos ou direitos trabalhistas.

Ao pensar na construção das percepções que os jovens têm sobre o trabalho, cabe pensar inicialmente para que modalidades de emprego afinal esses estudantes estão sendo preparados, considerando as questões mencionadas anteriormente. Em geral, a ideia é entender: Afinal, para que mundo do trabalho esses jovens estão sendo preparados? É uma questão que pode trazer pistas do cenário que vem se formando acerca da preparação dos jovens para o mercado de trabalho e do impacto dessa formação em suas trajetórias.

tendo contato com as concepções de Gramsci envolvendo o campo educacional o autor apresenta a ideia de "escola unitária", onde o Estado ofereceria uma educação pautada no ensino das ciências, cultura e técnicas. Essa noção não se resume apenas a aliar educação básica e técnica, mas tem como base a democratização do ensino para diferentes classes, fugindo do dualismo exposto no texto.

3 Na obra Textos sobre educação e ensino (1992) Karl Marx e Friederich Engels discutem sobre a separação intelectual e manual do trabalho, incentivada com o capitalismo. Com essa divisão do trabalho as atividades manuais seriam voltadas à classe trabalhadora, enquanto o preparo para atividades de caráter intelectual seria direcionado à classe burguesa.

4 Acesso ao relatório produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) com dados atualizados sobre o desemprego e desocupação no Brasil: chrome-extension://efaidnbmninnbpcjpcglclefindmkaj/https://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/conjuntura/220624_cc_55_nota_28_mercado_de_trabalho.pdf

2. CONCEPÇÕES DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Para iniciar essa discussão acredito ser necessário, antes de qualquer coisa, trazer alguns elementos que contribuíram para a construção da política de educação profissional como conhecemos, fazendo ainda o exercício de ir um pouco além, e pensar o que provoca uma procura e adesão por essas instituições de ensino. É sabido que vivenciamos atualmente uma realidade moderna e globalizada, onde as tecnologias proporcionam uma rapidez de comunicação e ações, presenciais ou a distância.

BAUMAN (1999) trata a ideia de globalização fugindo das noções mais repetidas em relação ao conceito, como as de desenvolvimento, universalização ou empreendimentos globais, para o autor o significado de globalização precisa ser entendido através de seus "efeitos globais" para a realidade social: "*A globalização não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos fazer. Diz respeito ao que está acontecendo a todos nós*" (p.66).

Em outros escritos, Bauman (2001, 2008) segue analisando os efeitos do que trata como "liquidez" ou "fluidez" da sociedade moderna, metáfora utilizada para se referir ao movimento de individualização, desengajamento e extrema flexibilidade das relações e instituições, discutindo a profundidade dessas mudanças e seus efeitos. Discorre sobre como a noção de "predestinação" ou "vocaçã" em relação ao trabalho passa a dar lugar para o "projeto de vida", que já não tem como ser pensado a longo prazo, pois está atravessado pela constante incerteza do que está por vir.

É isso que distingue a "individualização" de outrora da forma que ela assumiu agora, em nossos tempos de modernidade "líquida". As colocações individuais na sociedade e os lugares aos quais os indivíduos podem ganhar acesso e nos quais podem desejar se estabelecer estão se derretendo com rapidez e dificilmente podem servir como alvos para "projetos de vida". A inquietude e a fragilidade de objetivos afetam a todos nós, com ou sem habilidades, educados ou não, com medo de trabalho ou trabalhando duro. Há pouco ou nada que possamos fazer para "encaminhar o futuro" ao seguir os padrões atuais com diligência. (BAUMAN, 2008, p.132).

Outro aspecto que relaciona a questão dos efeitos da globalização e o processo de individualização e incerteza da vida moderna é a mudança que passa a existir com a própria ideia de tempo. Convergindo com as ideias trazidas por Bauman temos o conceito de Aceleração Social trabalhado por ROSA (2019), que propõe um novo olhar sobre categorias centrais para a sociologia, propondo uma diferença entre o que chama de modernidade e modernidade tardia.

A noção de aceleração se divide em vários aspectos e em um deles trata da "aceleração do ritmo de vida", o que influencia decisões, sociabilidades e a própria ordem de processos da vida. A política de educação profissional não deixa de ser um exemplo de aceleração, uma forma de agilizar o processo de preparação e inserção no mercado de trabalho para os jovens, porém que não consegue garantir certezas profissionais, mesmo com o estágio supervisionado. Enquanto antes o ritmo era o de pensar na atuação profissional após a formação básica, com essa política esse momento de decisão e preparação é adiantado para o início da adolescência.

Bauman (2001) ao discutir a noção de tempo na modernidade também fala sobre o peso que o indivíduo carrega em ter várias conquistas, mesmo que a curto prazo, mas que passem a ideia de estar sempre em movimento. É como se os indivíduos estivessem em constante atraso, sempre correndo para ganhar tempo, mas ao mesmo tempo não sabendo qual o final da corrida. Essa discussão pode ajudar a entender o que motiva um jovem entre 14 e 15 anos, ou seus responsáveis, a procurar o ensino médio profissionalizante. A ideia de que não está "só estudando", mas também se preparando para a atuar profissionalmente logo que conclua o ensino médio.

Na Resolução de número 6, de setembro de 2012, são definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio⁵. Nesse documento se encontram as principais orientações curriculares adotadas pelas ETECs no Estado do Ceará, logo, a atuação destas instituições tem como base o que é descrito nessa legislação, levando também em consideração o recém-lançado Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC)⁶. Acredito que um dos pontos de partida para uma compreensão aprofundada que propõe a política de educação profissional cearense seja a análise de documentos orientadores, como diretrizes, currículos e posteriormente a observação da realidade escolar. Nesse aspecto, a ideia é pensar: Qual a compreensão de 'Trabalho' adotada na política de educação profissional?

Pensar em Trabalho enquanto categoria de análise é entender suas diversas concepções, sem esquecer das transformações que esse conceito já passou e suas elaborações sociais. Bezerra e Gomes (2018)

5 Acesso ao documento: <https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/DiretrizesCurricularesNacionais.pdf>

6 Lançado em Setembro de 2021, o DCRC é um documento de referência para o desenvolvimento do trabalho educativo nas escolas estaduais, tendo como principal guia a Base Nacional Comum Curricular, o documento traz ainda as especificidades das diferentes instituições como escolas profissionais, de tempo integral, regulares, entre outras. Para mais informações acessar: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2022/01/dcrc_completo_v14_09_2021.pdf.

procuraram traçar, uma linha do tempo dos “valores e representações de trabalho” na sociedade brasileira, identificando as mudanças que foram ocorrendo historicamente. É indiscutível quando se trata de trabalho no Brasil a relação com os impactos e resquícios do período da escravidão, a autora e o autor frizam a questão da estigmatização desses trabalhadores após a abolição, sendo considerados uma mão de obra inapta, sem especialização ou disciplina para o exercício do trabalho, considerada “vadia”.

Esse cenário começa a mudar com a transição do século XIX para XX, onde nos primeiros anos da república, com a construção de um mercado de trabalho livre e fortalecimento do sistema capitalista, tem início um processo de “educação e disciplina para o trabalho”, ocasionando uma modificação do imaginário social em relação à atividade laboral.

Forjar corpos adestrados representou uma tarefa fundamental para a instituição de uma nova moral de afirmação do trabalho, que punha tal categoria no centro da organização do modelo de sociedade salarial. A aprendizagem dessa disciplina, pelos corpos e espíritos, representou um processo de internalização do trabalho como um bem, como um valor supremo, regulador da nova ordem. Esse processo ocorreu sob formas variadas, em diversos contextos, mas manteve sempre como cerne o “valor trabalho” como elemento regulador da vida social, especialmente para as camadas pobres. (BEZERRA; GOMES, 2018, p. 225).

Os autores discutem ainda a preocupação em criar uma resignificação da categoria trabalho, trazendo elementos como honestidade e dignidade, construindo a figura do “trabalhador brasileiro”, agregando uma ideia de decência e dignidade, antes recusada para a população mais pobre.

Ser trabalhador passou a designar uma qualificação social, um valor no plano material e imaterial. Essa qualificação indicaria elementos do comportamento e do caráter: os trabalhadores eram considerados pessoas honradas, honestas, dignas, uma vez que optavam pela vida de trabalho, e não pela vida fácil. (BEZERRA; GOMES, 2018, p. 227).

O processo de difusão dessa nova mentalidade nos remete de forma geral à análise de Max Weber ao discutir sobre a ética protestante enquanto um *ethos* do capitalismo, trazendo exatamente a mudança de caráter das concepções de trabalho⁷. Essa nova mentalidade, atrelada a um status, é um aspecto que, sem dúvidas, segue sendo reproduzida na atualidade, inclusive na formação profissional dos jovens. A ideia de sair da escola já desempenhando uma função possivelmente os atrai por, além de um possível retorno financeiro, uma expectativa de respeito e distinção social. É válido ressaltar, de acordo com Bezerra e Gomes (2018) o trabalho no Brasil enquanto uma categoria histórica, que se modifica, mas que

⁷ Para aprofundamento na discussão buscar a leitura da obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”.

demonstra repetidas vezes a competição e o produtivismo como elementos indissociáveis dessa história

Cabe-nos destacar o entorno de uma dimensão da vida humana que, ao longo de um processo histórico, ganhou status, significado e importância fundamental na orientação da vida. Por outro lado, é preciso perceber que o trabalho visto como um valor positivo, portanto como um qualificador social, é um dos principais novos condicionantes da relação de alienação entre o trabalhador-trabalho. Se, no século XIX e no início do século XX, o esforço era para obrigar ao trabalho e disciplinar uma massa de inadaptados, no século XX e no início do XXI, dá-se uma inversão paradoxal do problema. O trabalho é uma categoria histórica e como tal deve ser considerada e refletida, observando-se as marcas e heranças que a moral produtivista e competitiva erigiu na nossa sociedade. (BEZERRA; GOMES, 2018, p. 234).

Tendo esse aporte histórico é interessante pensar em aspectos que aparecem no currículo das escolas profissionalizantes, como a ideia de “Educação para o trabalho”, fazendo pensar se o que é buscado é apenas ensinar sobre o exercício de uma função, ou fomentar também a compreensão do trabalho de uma forma geral, levando em consideração essa “disciplina” exigida pelo mercado de trabalho.

Na obra intitulada “Adeus ao Trabalho?” Antunes (2010) procura argumentar sobre como o trabalho ainda deve ser considerado uma das categorias centrais para a compreensão da práxis humana, levando em conta todas as suas metamorfoses e mudanças na realidade da “classe-que-vive-do-trabalho”. A primeira questão a ser ressaltada é a apreensão do conceito de trabalho em seu duplo aspecto. Na obra mencionada essas abordagens são diferenciadas através dos termos *work* e *labour*, o que podemos tomar para nós, respectivamente, como trabalho e emprego, sendo o primeiro referente a produção dos valores de uso, à atividade humana de intervenção e transformação da realidade, enquanto o segundo termo se trata da atividade cotidiana de geração de renda, que através da ótica do capitalismo, se torna uma atividade estranha ao trabalhador, fetichizada.

Na análise de documentos como o DCRC e Diretrizes Curriculares Nacionais, ambos mencionados anteriormente, nota-se elementos que se repetem no que se refere aos objetivos da educação profissional, principalmente a ideia de uma formação completa, que prepare acadêmica, cultural e profissionalmente. No artigo de número 6 das diretrizes curriculares nacionais, voltada para a educação profissional, aparecem como alguns dos princípios norteadores dessa política:

I - relação e articulação entre a formação desenvolvida no Ensino Médio e a preparação para o exercício das profissões técnicas, visando à formação integral do estudante; II - respeito aos valores estéticos, políticos e éticos da educação nacional, na perspectiva do desenvolvimento para a vida social

e profissional; III - trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular; III - flexibilidade na construção de itinerários formativos diversificados e atualizados, segundo interesses dos sujeitos e possibilidades das instituições educacionais, nos termos dos respectivos projetos político-pedagógicos (BRASIL, 2012).

Já no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) é apresentada a arquitetura curricular da Educação Profissional e Técnica (EPT) onde afirmam que o currículo deve ser composto por três principais pontos: Formação geral, trabalhando as disciplinas base do ensino médio; Formação profissional, com disciplinas de base técnica, voltadas ao curso escolhido no momento da matrícula; Parte diversificada, que aborda conteúdos relacionados à formação para a cidadania, se propondo a atuar "tanto no campo pessoal como profissional" (CEARÁ, 2021). O referido documento apresenta o que seria o principal diferencial da formação profissionalizante

Um dos grandes diferenciais da escola de Educação Profissional é fortalecer o desenvolvimento pessoal e social do aluno, por meio da adoção de conteúdos diversificados presentes na matriz curricular, tendo como objetivo a ênfase no projeto de vida, no empreendedorismo e na relação com o mundo do trabalho. (CEARÁ, 2021, p. 401).

Relacionando esses trechos com a perspectiva de Antunes (2010), e pensando sobre as disciplinas que são ofertadas no ensino profissional, como mundo do trabalho, empreendedorismo e projeto de vida, é importante investigar no trabalho de campo de que forma essas categorias são abordadas com os estudantes, pensando ainda qual dessas dimensões de trabalho é mais próxima das percepções que os jovens têm em relação ao tema.

Quando se menciona na diretriz nacional a questão do trabalho como princípio educativo nos remete ao conceito apresentado por Antonio Gramsci na obra *Os intelectuais e a organização da cultura* (1985), quando fala da importância de uma educação unitária, humanista, que forme o sujeito de maneira completa, abordando aspectos científicos, técnicos e culturais. Essa noção de 'educação completa' é recorrente nas orientações curriculares da educação profissional, logo, se entende que a ideia de trabalho concebida pelos órgãos oficiais seja a de preparação que possibilite autonomia e não apenas profissionalização. Ramos e Ciavatta (2011) entendem que, por mais que o conceito do autor italiano seja frequentemente trazido pelos documentos oficiais, há uma certa deturpação, pois o ensino da técnica segundo a ideia de educação humanista não necessariamente é uma profissionalização para o mercado de trabalho.

[...] queremos sustentar nossa compreensão de que a concepção de educação integrada - aquela que integra trabalho, ciência e cultura -, tendo o traba-

lho como princípio educativo, não é, necessariamente, profissionalizante. Esta finalidade se impõe na educação brasileira, especialmente no ensino médio, por, pelo menos, duas razões. A primeira é de caráter econômico, dado que jovens e adultos da classe trabalhadora brasileira, à margem de uma política pública coerente, têm dificuldade de, por si próprios, traçar uma carreira escolar em que a profissionalização - de nível médio ou superior - seja um projeto posterior à educação básica. A segunda refere-se ao caráter dual da educação brasileira e à correspondente desvalorização da cultura do trabalho pelas elites e pelos segmentos médios da sociedade, tornando a escola refratária a essa cultura e suas práticas. Assim, a não ser por uma efetiva reforma moral e intelectual da sociedade, preceitos ideológicos não são suficientes para promover o ingresso da cultura do trabalho nas escolas, nem como contexto e, menos ainda, como princípio. (RAMOS; CIAVAATTA, 2011, p. 32-33).

Tendo em vista o contraste do que propõem os documentos norteadores junto do que é discutido sobre a temática, e mais a frente comparada com a própria realidade escolar, é possível aferir até então que a concepção de trabalho adotada na política de educação profissional é voltada para uma noção da atividade laboral, não necessariamente trazendo uma reflexão crítica sobre o trabalho em seus diversos aspectos.

Fernandes e Silva (2017) concluem em sua pesquisa, ao analisar o histórico e processo de implantação da política pública de educação profissional no Estado do Ceará, exatamente que a promoção dessa política pública esteve desde o início mais vinculada aos interesses econômicos, pensando no desenvolvimento regional, do que pensadas realmente para o ideal da formação humana integral.

O que pode ser revelado, ou não, com a realização do trabalho de campo, é uma contradição entre o que versa os documentos oficiais e a aplicação destes no cotidiano escolar. Para melhor compreensão dessa possível contradição é interessante pensar onde se encaixaria essa política educacional no atual contexto político, econômico e social.

3 O TRABALHO MODERNO E A PREPARAÇÃO PROFISSIONAL FLEXÍVEL

Entre o fim do ano de 2018 e início de 2019 estava realizando entrevistas para a pesquisa que se tornou meu trabalho de conclusão de curso, e ao entrevistar uma estudante que estava concluindo o ensino médio profissionalizante questionei quais eram suas expectativas com a conclusão do estágio supervisionado. Outros estudantes que entrevistei na mesma época e mesma escola, mas de cursos diferentes, costumavam responder que queriam ser efetivados na empresa, mas essa estudante afirmou que não tinha esse interesse, queria na verdade trabalhar em várias empresas, segundo ela "Dava mais dinhei-

ro". Não lhe preocupava o vínculo trabalhista, não sei se a mesma tinha noção dos direitos envolvidos na efetivação, não havia um desejo de permanência ou de relativa estabilidade, algo que para gerações anteriores e até alguns de seus colegas de escola, era o objetivo central.

Bauman (2001), ao tratar da fluidez dos laços humanos na modernidade, propõe a discussão de como a precariedade da vida moderna afeta a percepção de mundo dos indivíduos, ocasionando uma relação de conflito entre o sentimento de segurança e satisfação. Explica que como não há mais uma garantia de segurança ou uma busca por essa estabilidade, o que se procura é a "satisfação instantânea" (p.154), o que segundo o autor seria uma tentativa de responder às incertezas. Essa satisfação seria demonstrada principalmente através do consumo, um aspecto que sem dúvidas remete à colocação feita pela estudante no relato acima, e que leva a pensar sobre como essa mentalidade influenciou na construção de sua percepção sobre trabalho.

Para discutir sobre a relação entre trabalho e as juventudes na atualidade, é necessário reconhecer as diversas transformações que o mundo do trabalho vem passando e seus impactos na realidade dos/das jovens. Como discutir a preparação e inserção dos estudantes das escolas profissionalizantes no mercado de trabalho, sem considerar o contínuo processo de precarização e flexibilização do trabalho percebido nas últimas décadas? Segundo SENNET (1999), em *A Corrosão do Caráter*, o capitalismo moderno, que tem como característica central a flexibilidade, não apenas cria novas formas de controle, como também fragiliza os laços, afetando assim a formação e organização dos trabalhadores, que passam a viver em um contexto de instabilidade constante, denominado pelo autor como um sentimento de deriva.

A abordagem de Sennet (1999) nos leva a dois conceitos para pensar essa realidade, o primeiro deles é a compreensão de "uberização" do trabalho. Moraes, Oliveira e Acorssi (2019) realizam uma análise do que chamam de "economia de plataforma", se referindo às relações de trabalho que são propostas por aplicativos com serviços diversos, os autores resumem o termo da seguinte forma:

Uberização do trabalho é o termo utilizado para representar a grande maioria do trabalho ofertado pelas empresas da economia de plataforma, também denominado de crowd employment e crowdworking. Uberização do trabalho está para as empresas-plataformas, assim como o trabalho terceirizado está para as empresas toyotistas ou pós-fordistas, sendo sinônimo de trabalho intermitente, em grande parte informal, em que as relações capital trabalho, outrora negociadas, tornam-se imposições do capital sobre o trabalho. (MORAES; OLIVEIRA; ACORSSI, 2019, p. 652).

Logo, entende-se que a uberização do trabalho, através do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICS), aparece como resultado de uma reestruturação produtiva, e está diretamente ligada ao processo de precarização e flexibilização do trabalho, que com o passar do tempo, transborda das relações através dos aplicativos para as demais relações trabalhistas modernas.

O segundo conceito é o de desproletarização, na perspectiva de Dardot (2016), que se refere a um processo de "desenraizamento proletário" (p.129) se tratando de uma espécie de descaracterização da figura do trabalhador, procurando diluir a diferenciação de classes sociais, mas não com um objetivo de igualdade e sim de proposição de um modo de trabalho individualizado e sem articulação de classe.

Desproletarizar as massas desenraizadas pelo capitalismo industrial não é torná-las seguradas socialmente, mas proprietárias, poupadoras, produtoras independentes. [...] Tornando-se proprietário e produtor familiar, o indivíduo recuperará as virtudes da prudência, da seriedade e da responsabilidade, tão indispensáveis à economia de mercado. (DARDOT, 2016, p. 129).

A noção de esvaziamento da figura do proletário, do trabalhador, é facilmente remetida à resistência atual em utilizar esses termos no contexto empresarial. A busca pela consolidação do trabalhador enquanto colaborador, termo que traz um ar de contribuição, construção conjunta, e não de servidão, é sem dúvidas reflexo desse movimento do capitalismo moderno, da desarticulação da classe pela busca de direitos trabalhistas básicos, reforçando sempre a ideia de que se "ganha mais" sendo seu próprio patrão.

O ponto é, que essa flexibilidade não se limita mais ao mercado de trabalho, sendo inserida também na realidade escolar, através do currículo, de forma mais explícita na educação profissionalizante. A proposta de uma formação flexível, que adequa a nova força de trabalho ao mercado, é vista, por exemplo, no Novo Ensino Médio, mas bem antes deste programa ser implementado esse movimento já era percebido.

Em síntese, centrada na dualidade das classes sociais e do sistema educacional, a propalada formação flexível ocorreria por meio da fragmentação curricular e de um tipo de rotatividade formativa. Em outras palavras, um currículo flexível supostamente proporcionaria ao trabalhador oportunidades de se atualizar ou se requalificar por diferentes itinerários formativos, demandados por mudanças na produção e/ou nas situações de emprego. O trabalhador assim formado seria capaz de renovar permanentemente suas competências, por diversas oportunidades, inclusive em cursos de currículos flexíveis. (RAMOS; CIAVATTA, 2011, p. 31).

O trecho acima demonstra que a discussão acerca da flexibilização curricular já vinha sendo realizada, mas é

inevitável não intensificar esse debate com a nova estrutura do ensino médio público. LAVAL (2019) trata da relação entre o "novo capitalismo" e a educação, que resulta na busca por formar um "homem flexível e trabalhador autônomo", tornando essas figuras referência do novo ideal pedagógico (p.29), um sujeito preparado para a instabilidade e incertezas. Com isso é necessário pensar nos objetivos do estágio supervisionado na educação profissional, perceber que não pode ser reduzido a um treinamento prático, técnico, mas que tem chances de desempenhar um papel de construção da mentalidade que o mercado exige, com as empresas fazendo parte da formação e, conseqüentemente, descentralizando essa função da escola. Sem contar com a utilização de materiais didático-pedagógicos de fundações empresariais, já mencionadas, que são amplamente utilizados em sala de aula.

O caráter fundamental da nova ordem educacional está ligado à perda progressiva de autonomia da escola, acompanhada da valorização da empresa, que é elevada ao ideal normativo. Nessa "parceria" generalizada, a própria empresa se torna "qualificadora" e "envolvida no aprendizado" e acaba se confundindo com a instituição escolar em "estruturas de aprendizagem flexíveis" (LAVAL, 2019, p. 30).

O autor se detém ainda a outro aspecto que deixa clara a relação entre transformações educacionais e objetivos de mercado, que é a priorização de ensino através de competências e habilidades, que diminuem significativamente o espaço e a forma como são abordados os conteúdos das disciplinas da base comum, além de reforçar o processo de "interiorização da lógica empresarial".

A "lógica da competência", priorizando as qualidades diretamente úteis da personalidade empregável, ao invés de conhecimentos realmente apropriados, mas não necessária e imediatamente úteis em termos econômicos, comporta um sério risco de desintelectualização e desformalização dos processos de aprendizagem. (LAVAL, 2019, p. 83).

Logo, entende-se que a preparação profissional adotou a ordem de flexibilização dada pelo capitalismo moderno, e essa lógica não está mais limitada às empresas e nem à educação profissional, é um modelo colocado para o ensino básico como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar da influência do mercado na educação, Mészáros (2008) e Laval (2019) convergem com a ideia de que a educação institucionalizada fornece não apenas a mão de obra e conhecimentos necessários para manutenção da produção, mas também um quadro de valores alinhados aos interesses dominantes. Mészáros conclui que "no decorrer do tempo, de forma natural, as instituições educacionais tiveram de se adaptar às mudanças do sistema capitalista" (p. 59). A partir dessa colocação é importante a análise do Projeto Político Pedagógico da es-

cola pesquisada, entendendo o que propõe, como foi construído e investigar suas referências, a fim de contrastar com o que foi aqui discutido.

O fato é que, a relação entre esse modelo flexível e moderno de trabalho e a formação profissional desses jovens pode trazer pistas para o questionamento inicial, de pensar para que tipo de trabalho esses estudantes estão sendo preparados.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008.
- BEZERRA, Osicleide; GOMES, Geraldo. **Notas sobre a história do trabalho no Brasil: A consagração em fatos, valores e músicas**. História & Perspectivas, Uberlândia: 223-236, jan./jun. 2018.
- BEZERRA, Osicleide; GOMES, Geraldo. Secretaria de Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará**. 2021. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2022/01/dcrc_completo_v14_09_2021.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.
- CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. In: MARIANO, Alessandro (et al); CÁSSIO, Fernando (org). **Educação contra a barbárie**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil - Dualidade e fragmentação** in: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERNANDES, Márcia Frota; SILVA, Francisco J B. **Educação profissional integrada ao Ensino Médio no Estado do Ceará: da ideiação à expansão**. 2017.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo. Boitempo, 2008.
- MORAES, Rodrigo Bombonati de Souza; OLIVEIRA, Marco Antonio Gonsales; ACCORSI, André. Uberização do trabalho: a percepção dos motoristas de transporte particular por aplicativo. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 6, n. 3, p. 647-681, 2019.
- OLIVEIRA, Gilson De Sousa; SILVA, Catarina Angélica Antunes Da; BEZERRA., Tânia Serra Azul Machado. Educação Profissional de Nível Técnico Integrada ao Ensino Médio: Uma Análise das Escolas Profissionalizantes do Estado do Ceará. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 17, p. 1-12, jan./jul. 2017.
- RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional** [recurso eletrônico] / Marise Nogueira Ramos. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.